



## HUMANISMO CABOCLO:

### Práticas de educação popular entre jovens

<sup>1</sup>Doutorado em Sociologia (UESPI).

**Luciano de Melo Sousa<sup>1</sup>**

<sup>2</sup>Graduação em Pedagogia (UESPI).

**Driele Vanessa Viana<sup>2</sup>**

<sup>3</sup>Graduação em Pedagogia (UESPI).

**Juliana Lima Nascimento<sup>3</sup>**

#### RESUMO

Este artigo analisa experiências extensionistas do Humanismo Caboclo, entre 2014 e 2015, a partir de trabalhos educativos de duas estudantes do curso de Pedagogia junto às suas comunidades, em municípios do estado do Piauí. A proposta extensionista, inspirada no pensamento de Paulo Freire (1987; 1996; 2011), fomentou as caminhadas de organização e luta social dos grupos dos quais fazem parte as estudantes (um grupo de jovens e uma associação ambientalista). Seu foco é compreender as trajetórias construídas pelos coletivos: ações, objetivos, estratégias e processos. Sua metodologia: reconhecimento dos sujeitos e suas realidades; identificação dos desafios; trabalho grupal e processual; avaliações recorrentes; valorização permanente do fazer coletivo e individual. Como resultados principais: recuperação da estrada e serviço de fornecimento de água potável em suas residências (grupo de jovens); demarcação do Parque Ambiental Morro da Coã (grupo ambientalista). Paralelamente, discute um sentido para extensão universitária que supera o assistencialismo social e a educação instrumentalizadora.

**Palavras-chave:** Extensão universitária. Educação Popular. Juventude. Cidadania.

**“CABOCLO” HUMANISM: popular education practices among young**

## ABSTRACT

It analyzes extensionist experiences of the Humanism Caboclo, between 2014 and 2015, from the educational work of two students of the pedagogy course with their communities, in municipalities of the state of Piauí. The extensionist proposal, inspired by the thought of Paulo Freire (1987; 1996; 2011), encouraged the walks of organization and social struggle of the groups of which the students (a group of young people and an environmentalist association) are part. Its focus is to understand the trajectories built by the collectives: actions, objectives, strategies and processes. Its methodology: recognition of the subjects and their realities; identification of challenges; group and procedural work; Recurrent assessments; permanent appreciation of collective and individual doing. As main results: road recovery and drinking water supply service in their homes (youth group); demarcation of the Morro da Coã Environmental Park (environmentalist group). At the same time, it discusses a sense of university extension that exceeds social assistentialism and instrumentalizing education.

**Keywords: University Extension. Popular Education. Youth. Citizenship.**

## 1. INTRODUÇÃO

O foco deste artigo centra-se na descrição e análise de dois processos de extensão particulares nos quais, em cada um, houve o envolvimento de duas estudantes de Pedagogia da Uespi. O primeiro trata da trajetória trilhada pelo grupo Saberes da Juventude, na comunidade rural Corrente, município de Piri-piri. O segundo destaca elementos da história da constituição da Associação Ambientalista Morro da Coã, no município de Lagoa de São Francisco, entre 2014 e 2015. Ambos eram compostos por jovens que, voltados para os problemas que mais lhe afligiam, estabeleceram rotas de luta e transformação.

Assim, a sistematização aqui apresentada busca demonstrar, por um lado, que a educação dialoga com a construção histórica de indivíduos e suas experiências coletivas e, por outro, que a formação acadêmica pressupõe compromissos com práticas de desenvolvimento social. A inspiração desse texto encontra-se na defesa de José de Souza Martins (2014) sobre o artesanato intelectual: transformar as observações das vivências em fontes que inspiram a elaboração de novos significados para a vida cotidiana sob a inspiração das culturas científicas. As estudantes extensionistas, animadas por suas visões de mundo, conhecimentos acadêmicos e compromissos sociais frente às suas realidades, contribuem ativamente no protagonismo de coletivos juvenis: um voltado para as temáticas ambientais, outro para as demandas de políticas públicas numa comunidade rural (educação, água potável, estradas etc.) e vivências comunitárias.

## 2. O HUMANISMO CABOCLO – IDEIAS E IDEAIS

O programa extensionista Humanismo Caboclo (doravante HC) reflete trajetórias de vida de pessoas que compreendem que são mais que meros cidadãos. Desde o programa de extensão Cultura Casca-Verde (SOUSA, 2008), busca-se promover experiências coletivas de educação capazes de construir processos de empoderamento entre seus atores (educadores, educandos e demais sujeitos). As condições sociais não são tratadas como um padrão impositivo e limitador para as pessoas e suas aspirações de transformação social. Pelo contrário, são matérias necessárias para os desafios de transformação e emancipação social.

Daí uma concepção de humanismo a qual os sujeitos buscam superar as condições impostas hegemonicamente pela sociedade e construir percursos sociais onde procuram fazer-se sujeitos integrais. Não são vítimas da sociedade tampouco lideranças iluminadas condutoras de uma multidão alienada. O compromisso humanista pressupõe esforços das pessoas, a partir de ações coletivas, para superar aquelas condições de opressão e exclusão social identificadas por elas mesmas (sem nenhu-

ma concepção teleológica sobre um ponto preciso onde chegar).

O trabalho extensionista do HC passa necessariamente pelas seguintes etapas: reconhecimento dos sujeitos e de suas realidades; identificação dos desafios que os sujeitos desejam abraçar para investir suas ideias, ações e sentimentos; trabalho grupal e processual a partir da identificação de prioridades e definição de estratégias; avaliações recorrentes para observar aprendizados, conquista e revisão das estratégias e objetivos; valorização permanente do fazer coletivo e dos indivíduos envolvidos.

O adjetivo “caboclo” pontua esse caráter coletivo (homens e mulheres constroem-se e transformam-se nas relações sociais das quais são seus sujeitos de transformação), impuro (feito por pessoas concretas e não seres idealizados), contraditório (as realidades e as pessoas que as constroem fazem-se por meio de oposições, conflitos, exclusões e opressões sociais) e diversificado (os sujeitos e espaços sociais são diferenciados e, muitas vezes, antagônicos). No caboclo humanista não há idealizações a priori tampouco conduções iluminadas: as pessoas, no que fazem, pensam e relacionam-se, tomam-se como peregrinos de novas caminhadas com seus grupos e suas práticas culturais, saberes, valores e lutas. É uma peregrinação pela construção de si e dos outros, pois todos são partes da dialética do ser histórico<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Para maiores informações, acesse: [www.humanismocaboclo.com](http://www.humanismocaboclo.com).

## 2. SOBRE A CAMINHADA DO GRUPO SABERES DA JUVENTUDE

O grupo existe desde o ano de 2011. A princípio, consistiu numa agremiação de jovens que debatiam temas atinentes a sua realidade. Constituiu-se um GES (Grupo de Estudos Sindicais, associado ao Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – STTR – de Piripiri e Contag – Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais) com a meta de formar uma célula de mobilização e luta comunitária.

Entre suas ações, destacam-se ações culturais, educativas e políticas: passeios com os jovens, organização de um grupo de quadrilha nos anos de 2011 e 2012, curso de informática ministrado em parceria com o STTR, mutirão de limpeza da cachoeira da comunidade e luta pela garantia de transporte escolar de qualidade para suas crianças e jovens. Outro parceiro do grupo foi a associação de moradores da comunidade Corrente.

Apesar dessa trajetória, o grupo Saberes da Juventude vivia à época do projeto HC um momento de desmobilização. O trabalho partiu dessa realidade desafiadora. Como componente do grupo e extensionista, Juliana Nascimento ocupou-se da função de educadora problematizadora: “o educador problematizador refaz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscitividade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico, também” (FREIRE, 1987, p. 69).

Nesta função de problematizadora, Juliana, junto aos estudantes extensionistas, se coloca nos grupos também como moderadores no processo educativo e, ao mesmo tempo, sujeitos de transformação. Como mediadores instigam os sujeitos (inclusive elas mesmas e o professor extensionista), tendo em vista suas inserções sociais, visões de mundo e ideários de transformação. Do mesmo modo, tomam a realidade como complexa, contraditória e inacabada, na qual, todos são sujeitos da práxis social (FREIRE, 1996): o mundo não é um fato acabado, mas uma construção histórica fruto das lutas e mediações dos sujeitos.

Durante esse período, o grupo de jovens trabalhou com uma metodologia bastante própria dos movimentos populares – a mística. Esta favorece os atores a tomarem-se como coletividade una e que possui um cabedal de valores culturais que os fortalece na forma de tradições. Tradições e ideais que se integram num todo que anima e fortalece a caminhada de luta dos grupos oprimidos (BOGÓ, 2012).

A partir da análise dos relatos de suas reuniões e encontros, foram apontadas as seguintes razões para trabalhar ações de mística comunitária pelos próprios participantes: “aproximar os membros da comunidade através da fé; possibilitar reflexões a partir da palavra Deus, fazendo relação com a nossa realidade; despertar a participação mais ativa da Comunidade”<sup>2</sup>.

Essa aproximação mística através da fé significa reconhecer a dimensão religiosa da mística na qual os sujeitos, integrados por sentimentos, valores e ideais comuns, vive a “experiência do mistério vivido concretamente” (BOGO, 2012, p. 473). Não é uma fé abstrata, distante das condições reais das vidas de seus atores. Pelo contrário, segundo eles próprios, fomenta uma reflexão crítica sobre sua realidade e motivação para sua transformação social.

Por essa razão, encontra-se uma segunda dimensão da mística protagonizada por esses atores sociais – a política. No entendimento dos jovens participante, os momentos místicos visam “despertar a participação mais ativa da comunidade”. Não há fronteiras entre as vivências místico-religiosas das experiências místico-políticas. Pelo contrário, busca-se continuamente dialogar entre ambas no sentido de construir uma vivência integral dos seres. Ademar Bogo considera que “os movimentos populares compreendem a mística como parte constitutiva da experiência edificada na luta pela transformação da realidade social, indo em direção ao topos, a parte realizável da utopia” (BOGO, 2012, p. 474).

Ainda segundo os participantes do grupo Saberes da Juventude, “precisamos de fé e união em nossa comunidade”. A fé agrega a comunidade, fortalece a união na comunidade. Assim, por sua experiência histórica, religião e organização comunitária caminham integradas. “A cada vez que estamos juntos nos fortalecemos”. Não se está junto somente pela fé, mas por uma mística a qual eles, como filhos de Deus, são sujeitos de direito a uma estrada de qualidade bem como a um serviço de fornecimento de água potável em suas residências. Estes foram duas grandes lutas sociais enfrentadas por esse coletivo de jovens e que culminaram em conquistas.

Este processo relaciona-se com a ideia de mobilização: “[...] na obra de Paulo Freire tem estreita ligação com as ideias de organização, conscientização e participação” (MEDEIROS, 2010, p. 269). A organização das pessoas não nega as experiências de agregação social construídas historicamente. A mística religiosa é ressignificada pela construção intencional de exercícios de conscientização sobre sua realidade. Segundo os jovens, “com o intuito de aproximar as famílias da Comunidade e através da fé, fortalecer a luta da mesma”. Em suas experiências, essa mística religiosa e popular contribui com a participação comunitária para “construir uma comunidade melhor”.

Um ponto da atuação comunitária, reiterado pelo HC, foi o planejamento. Nas falas dos jovens que organizavam diversas ações na comunidade (místicas, celebrações, confraternizações comunitárias, atividades educativas em parceria com a escola local), é ressaltada a importância do seu planejamento com atribuição de objetivos, discriminação de ações prévias com seus respectivos responsáveis, cronograma dessas ações bem como a estruturação da atividade. Segundo eles, “é interessante planejar”, pois, com o planejamento se “define estratégias” que orientam o processo de consecução de suas atividades. O planejamento é um conhecimento concreto presente em suas práticas cotidianas.

Neste sentido, são oportunas as ponderações de Paulo Freire e Adriano Nogueira: “O conhecimento mais sistematizado é indispensável à luta popular e ele vai facilitar os programas de atuar [...] esse conhecimento deve percorrer os caminhos da prática” (2011, p. 41). A atuação do HC não significa ensinar atores e grupos sociais a planejar, mas, de outro modo, valorizar os conhecimentos acumulados em suas experiências e favorecer a sistematização desses saberes práticos. Ao tratarem sobre suas reuniões, afirmam: “tiramos alguns pontos para encaminhamentos: criamos compromissos”; “quando a gente assume compromissos, definimos responsabilidades”. Assim, prati-

<sup>2</sup> Esses textos foram extraídos dos relatos das reuniões de planejamento e avaliação. A memória de suas experiências foi um recurso metodológico importante não somente para a sistematização de suas atividades, mas como parte de seu processo de organização e planejamento (HOLLIDAY, 2006).

cam-pensam planejamento. É um conhecimento concreto interno às suas práticas.

O diálogo que a universidade media com movimentos sociais, por meio de ações extensionistas, pode ser bastante profícuo no sentido de fomentar reflexões com eles sobre suas práticas de organização e luta. Este processo de refletir com os atores sociais organizados é sistematizar. O pesquisador latino-americano Oscar Jara Holliday ressalta que a sistematização das experiências de grupos ou movimentos populares favorecem a produção de conhecimentos novos a partir da leitura crítica do vivido. Sistematizar é pôr “em ordem conhecimentos desordenados e percepções diversas” (HOLLIDAY, 2006, p. 25) dos autores protagonistas de suas histórias – ordenar aquilo que eles já sabiam sobre as experiências como também elaborar saberes novos sobre as ações vividas. Favorece também a ordenação de suas memórias e histórias “em um meio em que todos têm seu valor e onde podemos trocar ideias e planejar metas”.

Desse modo, o processo de sistematização demonstra que todos são produtores de saberes e que o conhecimento não se concentra somente em livros como dom restrito a figuras diferenciadas (os intelectuais). Conhecimento não é uma exclusividade de determinado grupo, mas uma das criações de toda cultura humana. Quando as universidades compreenderem que colaborar nesses processos de sistematização também faz parte de sua responsabilidade como promotoras de saberes e de meios de desenvolvimento social não-excludente, a extensão conquistará sentidos mais amplos como trabalho social transformador.

Por meio desse planejamento concreto, os atores do grupo Saberes da Juventude desenvolveram no transcorrer desse período (2014-2015) sua práxis comunitária: reuniões de discussão, abaixo-assinado pela melhoria da estrada e criação de sistema de abastecimento de água até as casas dos moradores, místicas, confraternizações e ações educativas e culturais junto à escola que atendem as crianças da comunidade.

Sua atuação coletiva é definida de muitos modos. Estes destacam dimensões distintas de suas intervenções. Primeiramente: “Grupo Saberes da Juventude onde aprendemos muito uns com os outros”; “somos jovens que estamos aprendendo para a vida”; “estou aqui porque acredito que aqui o jovem tem seu valor”. Participação coletiva e identidade juvenil se constroem mutuamente. Não se trata de um simples exercício de lideranças estranhas aos desafios enfrentados pelos jovens. Pelo contrário, os jovens (inclusive a estudante extensionista moradora dessa mesma comunidade) constroem novas percepções de si, da sua comunidade, e de como podem operar para transformá-las.

Essa construção histórica popular é objeto de suas palavras: “queremos um futuro melhor, trabalhar, batalhar e lutar pela família e por todos as pessoas que querem ter um saber melhor e um bom trabalho”; “queremos construir uma igreja para louvar a Deus”; “queremos crescer a nossa comunidade, melhorias para todos”; “membro de um Grupo que faz parte da história da comunidade, responsáveis pelo resgate da cultura e valores sociais da comunidade”. Este último diz muito sobre a tônica da relação desses jovens com a comunidade: valorizar o pertencimento aos valores e tradições da comunidade.

Por essa razão, a insistência em valorizar práticas culturais costumeiras da comunidade: celebrações, quadrilhas, folclore etc. Os jovens possuem uma história resguardada nos costumes tradicionais que precisam ser conhecidos, praticados e valorizados. Saberes e valores tradicionais que não refletem valores individualistas e de ascensão individual, mas, sentidos de pertencimento coletivo. Ao trabalharem com a escola da região, compreendem que não é possível existir comunitariamente sem a compreensão de seus significados mais preciosos para a vivência comunitária.

Por outro lado, os jovens experimentam práticas culturais e sociais novas – a organização coletiva. “Continuar firme, forte e planejar mais projetos e desenvolver cada vez mais a comunidade, incentivar as crianças e jovens a participar mais”. Essa vivência política pressupõe, inicialmente, uma consciência prática de que há muitas ameaças a sua comunidade: do êxodo rural à cultura de massa, da atratividade do universo urbano aos

valores e costumes da sociedade de consumo, do empobrecimento do campo a escolas que invisibilizam o campo. Esses exercícios de consciência são praticados nas reuniões do grupo, nas discussões da assembleia da associação de moradores, nos comentários aos textos bíblicos nas celebrações e confraternizações comunitárias. São significados novos que se incorporam às vivências comunitárias.

#### **4. SOBRE A CAMINHADA DO GRUPO “JUVENTUDE ATIVA” E DA ASSOCIAÇÃO AMBIENTALISTA MORRO DA COÃ – AAMC**

O grupo iniciou com uma atividade de formação organizada por educandos da EFA Santa Ângela, do município de Pedro II. A Escola Família Agrícola possui como princípio educativo a formação política e social entre seus estudantes (SOUSA, 2013; 2014). O Humanismo Caboclo tem firmado parcerias desde 2010 para o desenvolvimento de pesquisas com os jovens estudantes da escola – PIBIC-Jr (SOUSA, 2012), cursos de formação com orientação pela Educação Popular (SOUSA, 2014) e outras atividades educativas como o curso de Sociologia Cabocla, Oficina de Leitura e Redação (SOUSA, 2013).

Inicialmente, esse grupo de jovens organizou um encontro no município de Lagoa de São Francisco, com a participação de quarenta e três pessoas: ocorreram duas rodas de conversa (“sexualidade” e “educação popular”) e debates sobre a necessidade de organização política dos jovens. Depois de muita discussão, definiu-se que seria organizado o Festival de Cultura da Juventude e uma visita ao Parque Ambiental Morro da Coã (este, localizado na zona rural do município, encontrava-se abandonado à época).

Com a organização deste evento cultural e a visita ao parque ambiental, amplia-se o envolvimento da extensionista-educadora. Moradora do município, ex-estudante da EFA Santa Ângela e estudante de Pedagogia, Driele Silva participa das atividades como protagonista social e, ao mesmo tempo, extensionista. Seu protagonismo social justifica-se pelo fato de, como todos os demais, também é uma jovem do município com anseios e expectativas por mudanças na vida das pessoas e dos próprios jovens.

O Humanismo Caboclo compreende que não deve haver um distanciamento entre sociedade e universidade. Pelo contrário, os extensionistas são “escolhidos” por já possuírem uma participação social: “a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo[...].” (FREIRE, 1987, p. 70). A extensão, como trabalho social, pressupõe essa inserção social que contribui com algumas transformações dos participantes (seja dos extensionistas, seja dos atores sociais) bem como com a construção de novos saberes concretos. É um trabalho de empoderamento social onde extensionistas e comunitários constroem trajetórias de mudança.

Organizam o Festival de Cultura da Juventude entre 26 e 28 de setembro de 2014. Segundo eles, contou com uma programação diversificada: “foram três dias de exposição de arte, artesanato, comidas típicas e bandas ao vivo”. Os músicos, artesãos e artistas eram do próprio município: “as exposições chamaram atenção [...] percebemos que as pessoas ficavam surpresas quando falávamos – somos nós que produzimos”. Construir novos significados sobre o que os atores sociais fazem é passo necessário para desnaturalizar as opiniões dominantes preconceituosas, o que Paulo Freire identifica como “autodesvalia” (1987, p. 26).

Simultaneamente à organização do festival cultural, os jovens realizaram visita ao Morro da Coã e verificaram descaso e depredação do parque. Procuraram a Câmara Municipal para denunciar o abandono. Sem muito sucesso, foram buscar o apoio do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). A partir dessa parceria, o poder legislativo do município demarcou vinte e um hectares como área do Parque Ambiental Morro da Coã (até aquele momento não havia uma área discriminada para o parque). Também por meio de diálogos com uma associação de guias de turismo, de um município vizinho, informaram-se como constituir uma associação. Também procuraram o Ministério Público para esclarecerem-se sobre como deveriam agir para garantir a proteção do parque, especialmente quanto às obrigações do executivo local.

Percebe-se que não há um espontaneísmo tampouco uma condução meramente intuitiva. A participação anterior da extensionista em curso sobre educação popular potencializou sentidos de organização e planejamento do trabalho com o coletivo de jovens. Por outro lado, os conhecimentos acadêmicos na área de Pedagogia contribuíram com uma visão estratégica para o trabalho coletivo. Neste sentido, definiram duas prioridades: campanha de arrecadação de numerário para formalizar a Associação Ambientalista Morro da Coã (AAMC) e o mutirão de limpeza da lagoa que inspira o nome do município.

Entre os esforços feitos para arrecadação de recursos financeiros, destaca-se a realização de um bingo com brindes doados por habitantes e comerciantes da cidade. Importante pôr em relevo a capacidade de, num pequeno município, articular os pequenos comerciantes ou pessoas mais aquinhoadas economicamente para contribuir com ações de interesse social ou assistencial. Esse solidarismo social ainda faz parte da cultura de Lagoa de São Francisco.

Em reunião de avaliação e planejamento das futuras ações, destaca-se a reflexão de um de seus participantes: “percebemos que crescemos muito como grupo, que tivemos sucesso em algumas ações e em outras nem tanto, mas isso faz parte da luta e da caminhada”. Eles se percebem como atores de uma história onde se percebem como protagonistas. Essa visão dialoga com a compreensão de Paulo Freire: “a História é vista como uma possibilidade, na qual o ser humano pode exercer sua aptidão, saberes e suas experiências que fazem parte de sua capacidade de organizar, observar, conhecer e analisar, para poder modificar seu contexto” (WENTZ, 2010, p. 206). Os jovens da AAMC percebem-se como criadores de outras possibilidades para sua gente a partir do trabalho coletivo. Nada de aguardar a iniciativa de políticos ou outros sujeitos da história oficial.

Essas atividades da associação demonstram a capacidade dessa juventude de protagonizar ações e, ao mesmo tempo, sistematizar uma atuação junto ao município de modo articulado, sensível e com abertura ao diálogo com outros sujeitos sociais. Jovens entre quinze e vinte e cinco anos, provenientes do campo e da cidade, com ou sem formação universitária, vivenciam situações de empoderamento social orientadas por diálogos fraternos, exercícios de reflexão sobre suas realidades, atuações planejadas e atividades socialmente significativas.

A I Caminhada Verde de Lagoa de São Francisco é um exemplo significativo desses exercícios de historicidade social (MORETTI, 2010). Primeiramente, demonstra a capacidade do grupo em constituir parcerias: Secretaria de Educação (inclusão da caminhada no calendário escolar e disponibilização de transporte escolar para o deslocamento de estudantes das escolas para participação no ato); Secretaria de Saúde (disponibilidade de três profissionais de enfermagem para medição de pressão e de triglicérides); Secretaria de Assistência Social (pôs à disposição do evento uma psicóloga e uma assistente social); Câmara de Vereadores (cessão de material para a oficina de reciclagem).

O investimento na urdidura de uma rede de parcerias (circunstanciais ou duradouras) é fundamental. Numa comunidade, bairro ou região, os indivíduos vivem em relação e assistem-se mutuamente: os agentes de saúde, as escolas, o posto de saúde, as associações, as igrejas. Todos convivem naquele espaço social e carecem da colaboração mútua. A mobilização comunitária passa necessariamente pela sensibilização e colaboração do maior número possível de sujeitos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso destacar que nas experiências analisadas não existe um programa prévio (seja de ações a serem feitas ou de conteúdos a serem ensinados). Na peregrinação humanista, a historicidade da vida é a carta que orienta as caminhadas. Não há intenção de ensinar absolutamente nada. De modo diferente, os atores aprendem à medida que tomam para si as responsabilidades de constituírem-se como seres plenos. No entanto, não se trata de uma plenitude abstrata, mas exercícios vivos para se tornarem mais e melhores a partir dos avanços que foram capazes de conquistar a partir de suas discussões e ações nos espaços sociais em que vivem.

Neste sentido, as universidades precisam refletir sobre o significado de extensão. Estender? Levar? Repassar? Oferecer? Assistir? Ou, diferentemente, exercitar práticas sociais de diálogo e aprendizagem mútua? Vivenciar compromissos concretos de transformação dos sujeitos e suas realidades (inclusive dos professores, estudantes e de suas instituições universitárias)? Desconstruir concepções liberais de cidadania por meio da experimentação crítica dos conflitos, opressões e injustiças sociais? Exercitar uma educação de formação de seres plenos e justos e não meramente capacitadora ou instrutiva?

O Humanismo Caboclo tem enfrentado esses questionamentos e procurado soluções na práxis coletiva e histórica. Por essa razão, este humanismo, para seus atores caboclos, não é um sistema abstrato de conceitos e valores éticos. É um campo aberto de significados e ações elaboradas na trama de suas vivências, confrontos, angústias, contradições e perseveranças. O caboclo é um arranjo complexo e dinâmico em que todos se formam nas vivências críticas da vida. Sem autoritarismos do saber acadêmico tampouco espontaneidades inocentes. Um trabalho social árduo, provocador e potencializador de novas trilhas para seus autores.

## 6. REFERÊNCIAS

BOGO, Ademar. Mística. In: CALDART, Roseli Salete e outros (org.). *Dicionário da Educação do Campo*. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo e NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer: teoria e prática em educação popular*. Petrópolis: Vozes, 2011.

HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências*. Brasília: MMA, 2006.

MARTINS, José de Souza. *Uma sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre*. São Paulo: Contexto, 2014.

MEDEIROS, Lucineide Barros. Mobilização. In: STRECK, Danilo R. e outros. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2010.

MORETTI, Cheron Zanini. Historicidade. In: STRECK, Danilo R. e outros. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2010.

SOUSA, Luciano de Melo. *Cultura Casca-Verde: um relato dramático*. Revista Educação em Questão (UFRN), Natal, v. 33, p. 106-127, 2008.

\_\_\_\_\_. *Educação no campo e extensão universitária: um relato sobre projetos de iniciação científica*. Revista Olhar de Professor (UEPG Impresso), Ponta Grossa, v. 15 (1), p. 71-82, 2012.

\_\_\_\_\_. *Humanismo Caboclo: educação popular e extensão universitária*. Revista Participação (UNB), Brasília, v. 23-24, p. 111-121, 2013.

\_\_\_\_\_. *Curso de formação de educadores jovens do campo: uma trajetória em formação*. Revista ELO – Diálogos em Extensão (UFV), Viçosa, v. 3, n. 1, p. 78-84, junho 2014.

WENTZ, Vanice. História. In: STRECK, Danilo R. e outros. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2010.